

TRANSPORTE PÚBLICO/ A partir da zero hora de domingo, seis linhas sofrem reajuste e duas têm redução nos preços. Todas são da empresa Taguatur, e as novas tarifas foram autorizadas pela ANTT

Passagens do Entorno mais caras

» LUIZ FELLIPE ALVES
» LUIZ FRANCISCO*

Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) anunciou ontem que, a partir do próximo domingo (28/6), o valor das passagens de seis linhas do Entorno, todas da Taguatur, sofrerão aumentos que variam de 2,8% a 13,59%. Outras duas terão redução: Novo Gama (Lago Azul)/Gama, que sai de R\$ 3,80 para R\$ 3,40 (menos 10,53%), e a Novo Gama (Pedregal)/Gama, que passa de R\$ 3,65 para R\$ 3,40 (diminuição de 6,85%).

De acordo com a ANTT, o último reajuste das tarifas da Taguatur ocorreu há quase três anos, em agosto de 2023.

A notícia não agradou a moradores do Entorno e passageiros que utilizam as linhas atingidas. A secretária Larissa Silva, 25 anos, avalia que é um “absurdo” o aumento das tarifas. Embora não more em Goiás, ela utiliza a linha de ônibus que vai do Girassol (Cocalzinho de Goiás) a Brasília porque o transporte passa na área rural Vista Bela — localizada em Ceilândia e onde a usuária vive. “A passagem está quase R\$ 11 e ainda aumentam o valor. Poderiam, pelo menos, aumentar a quantidade de circulação de ônibus e transportes com infraestrutura melhores”, opina.

William Oliveira, 37, mora em Águas Lindas e vem para Brasília todos os dias trabalhar em um escritório. Com a notícia do aumento, ele teme ser demitido assim como muitas pessoas que residem no Entorno, devido ao custo para os empregadores. “O patrão não vai querer aumentar o vale-transporte. Com a passagem mais cara, vai preferir contratar alguém do Distrito Federal”, diz.

Para o pesquisador em mobilidade urbana, professor da

Fotos: Davi Pereira/CB/D.A Press



As passagens das linhas atingidas não têm aumento desde agosto de 2023, segundo a ANTT

Variação das tarifas

Linha	Tarifa atual	Nova tarifa	Variação
Águas Lindas de Goiás — Ceilândia	R\$ 5,15	R\$ 5,85	Mais R\$ 0,70 (13,59%)
Águas Lindas de Goiás — Taguatinga	R\$ 6,75	R\$ 7,65	Mais R\$ 0,90 (13,33%)
Girassol (Cocalzinho de Goiás) — Taguatinga	R\$ 8,20	R\$ 9,15	Mais R\$ 0,95 (11,59%)
Novo Gama — Taguatinga	R\$ 7,85	R\$ 8,75	Mais R\$ 0,90 (11,46%)
Girassol (Cocalzinho de Goiás) — Brasília	R\$ 10,95	R\$ 12,15	Mais R\$ 1,20 (10,96%)
Novo Gama (Rodoviária) — Gama	R\$ 1,75	R\$ 1,80	Mais R\$ 0,05 (2,86%)
Novo Gama (Lago Azul) — Gama	R\$ 3,80	R\$ 3,40	Menos R\$ 0,40 (10,53%)
Novo Gama (Pedregal) — Gama	R\$ 3,65	R\$ 3,40	Menos R\$ 0,25 (6,85%)

Universidade de Brasília (UnB) e mestre em políticas públicas Carlos Penna Breschiani, o novo aumento é “terrível”. O professor comenta que nenhum reajuste é pouco para a população. “Isso vai ter um grande impacto na vida das pessoas. Ficamos correndo atrás

do próprio rabo nessa discussão”, afirma.

Carlos Penna comenta que a perda de emprego pode ocorrer e é um medo real. Segundo o especialista, dependendo do destino, a pessoa pode gastar mais de R\$ 800 por mês. “Esse alto valor impacta o cenário do

micro ao macro. Todo mundo sai prejudicado. Todo empresário, do pequeno ao grande, usa o valor da passagem como um fator crucial na hora da contratação. Isso pesa muito”, diz. “Os trabalhadores do Entorno trabalham por um salário contado, qualquer mudança tem um impacto imenso em toda

a renda familiar”, acrescenta.

Com mais um aumento, os usuários do transporte público se perguntam o que pode mudar para melhorar. O especialista avalia que é necessário voltar a investir em transporte sobre trilhos, afirmando que o abandono do sistema ferroviário e do metroviário é um problema



“Eu vejo poucas melhorias nos serviços pelo valor das passagens”

Igor Medeiros, estudante



“Por dia, eu gasto R\$ 22,90. O aumento é injusto e não reflete a qualidade dos ônibus”

William Oliveira, serviços gerais



“Dependemos do transporte público e, às vezes, o ônibus quebra e nos deixa na mão”

Cairon Silva, consultor técnico



“Eu tenho medo de perder o emprego por causa disso”

João Vitor, auxiliar administrativo

muito grande. “Já era para existir a linha do metrô que alcance Santa Maria e o Gama, que faz divisa com Valparaíso. Assim também como o trem do Entorno que ligaria Luziânia e Valparaíso a Brasília”, exemplifica.

*Estagiário sob supervisão de Malcia Afonso



Candangos

JORGE HENRIQUE CARTAXO* | jorgehenrique.cartaxo@gmail.com
ESPECIAL PARA O CORREIO

Marcel Gautherot, le voyeur sublime

Jubiabá é um dos clássicos de Jorge Amado, publicado em 1935. O romance conta a história de Antônio Balduino — o Baldo — que vai da vida de pequeno meliante — no morro do Capa-Negro, em Salvador —, malandro capoeirista, até se tornar o líder popular ciente da sua classe, raça e cor. Foi lendo Bahia de tous les saints, a versão em francês da história de Baldo, que Marcel Gautherot passou a ter interesse e curiosidade sobre o Brasil.

Filho de operários, nascido em Paris, Gautherot tinha 15 anos, em 1925, quando matriculou-se no ateliê de arquitetura da École des Arts Décoratifs de Paris. Era um momento de grande interesse pelos ensembliers-décorateurs. A expansão da indústria e do mundo das coisas e dos objetos, os novos hábitos e estilos, uma nova vida urbana que se desenhava. A Exposition Internationale des Arts Décoratifs Modernes de 1925, em Paris, indicou a singularidade do momento e o início do diálogo do gosto com as formas e os traços modernistas. Em 1927, na cidade de Stuttgart, na Alemanha, a liga germânica de artistas e artesãos (Werkbund) realizou a primeira exposição pública de um modelo de cidade com seus novos estilos de viver e morar. Coordenavam esse movimento Peter Behrens, Walter Gropius, Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Pieter Oud, arquitetos a caminho da fama na feição do Modernismo em construção.

Marcel Gautherot esteve lá nutrin-do a sua proximidade e identificação com o esprit nouveau. Certamente, ele se fez presente também no estande da Alemanha, montado por Herbert Bayer — professor da Bauhaus —, na Exposition Internationale des Artistes Décorateur, em Paris, em 1930. No Congresso de Arquitetura, nas montanhas de Sohl-berg, também em 1930, Marcel Gautherot, agora militante do movimento da juventude “não conformista”, era um dos

Arquivo pessoal



Marcel Gautherot por Pierre Verger, Bahia, 1946

conferencistas do encontro. Brandindo as teses de Le Corbusier, Gautherot, com 20 anos, divergiu da arquitetura francesa, notadamente quanto ao regionalismo dos modelos de habitação.

A Maison de La Culture, uma espécie de fórum de políticas culturais do Front Poulair, era também um ponto de encontro de artistas e intelectuais progressistas, socialistas e de esquerda. Em abril de 1935, a exposição *Affiche-Photo-Typo*, organizada pela Maison, trouxe, pela primeira vez, o nome de Marcel Gautherot

associado, ainda que indiretamente, à fotografia. Além dele, destacavam-se Pierre Boucher, Fecher, René Zuber e Pierre Verger. Todos integrantes da prestigiada Alliance Photo, a primeira agência de fotografia de caráter internacional da França.

Em 1936, os antropólogos Paul Rivet e Georges Henri Rivière dirigiam a instalação, no Palais de Chaillot, do Museu do Homem. O novo museu etnográfico era parte da preparação da Exposition Internationale des Arts et Technique dans la Vie Moderne, onde seria apresentada

para o mundo, pela primeira vez, a *Guernica*, de Picasso, em 1937. Naquele mesmo ano, como arquiteto-decorador das exposições etnográficas, Marcel Gautherot integrou a reconhecida e festejada equipe do Museu do Homem. Na nova atividade, ele ficaria amigo do fotógrafo Pierre Verger que lhe introduziria no métier da documentação e da arte fotográfica. O envolvimento com a fotografia foi quase imediato e, já em abril de 1936, Marcel Gautherot embarcou para o México, tendo o apoio da equipe do Museu do Homem, portando uma agenda para fotografar a contrastante e diversa paisagem humana, cultural e arquitetônica da nação mexicana.

Em maio de 1940, os nazistas invadiram a França e houve uma diáspora no país. Marcel Gautherot, que já havia fotografado a Amazônia para o Museu do Homem, em 1939, decide se estabelecer definitivamente no Brasil. Em companhia de Pierre Verger, ele teria adentrado o SPHAN dirigindo-se à sala de Lucio Costa com uma pasta de fotos da Grécia em mãos. Lucio ficou encantado com o material que viu e o levou a Rodrigo de Melo Franco. Em pouco tempo, o talentoso francês já era amigo de Oscar Niemeyer, Burle Marx, Alcides da Rocha Miranda e Mário de Andrade. O valor da fotografia como documento e registro da memória arquitetônica e cultural do Brasil era uma demanda crescente dentro do SPHAN. Gautherot chegou em boa hora!

Em 1942, quando Juscelino Kubitschek, então prefeito de Belo Horizonte, convidou Oscar Niemeyer para projetar e edificar o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, Marcel Gautherot tornou-se o fotógrafo preferido do nosso príncipe do Modernismo brasileiro. Mas não só: Roberto Burle Marx, Affonso Eduardo Reidy, Lucio Costa e Alcides da Rocha Miranda, com frequência, convocavam

suas lentes e imagens. Ele fotografou ainda a cultura, o folclore e os monumentos de todo o Nordeste e do Norte brasileiros; as cidades históricas de Minas, o Sul, o Sudeste e o Brasil Central. Desde os anos 1920, mas sobretudo a partir da década de 1930, a fotografia deixou de ser apenas o registro de um objeto, de uma edificação, de uma cena, de pessoas ou de paisagens. No jogo de sombra e luz, a fotografia adquiriu o status de arte com linguagem própria, específica, conceitual e valorativa. Ela era também o olhar, a percepção, a sensibilidade e a inquietude do fotógrafo.

Quando teve início a construção de Brasília, Niemeyer entendia que precisava de imagens que acompanhassem os símbolos e representações do que seria a nova capital do Brasil. E essas imagens iriam percorrer o país e o mundo, consolidando e legitimando o Modernismo brasileiro. Mais do que registro, era preciso sedução, magia, encantamento e abstração. Assim, Marcel Gautherot produziu mais de sete mil fotos que se espalharam por revistas, exposições e jornais, no Brasil e nos continentes, cumprindo rigorosamente aquilo que Lucio Costa e Niemeyer pensavam da nova cidade. Ferro, vidro e concreto parecem brotar do chão, nas lentes sensíveis de Gautherot, transformando-se em curvas líricas e edifícios encantados em construção.

Como lembrou a professora Heloisa Spada, citando a sua colega Ana Luiza Nobre — refinadas estudiosas do tema —: “a qualidade plástica de suas imagens contribuiu decisivamente para a divulgação e para a valorização da arquitetura moderna brasileira, a ponto de ser difícil pensá-la sem recorrer às imagens de Gautherot”.

*Jorge Henrique Cartaxo é jornalista e mestre em história pela Universidade Paris-Sorbonne